

EDUCADOR, DIDÁTICA E A DESCOLONIZAÇÃO DAS MENTES: REFLEXÕES PARA UMA AFROPERSPECTIVA SIGNIFICATIVA DOS SABERES AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS.

Samuel Pedro Gonzaga
Eleno Marques de Araújo
Maksuel Souza da Silva

RESUMO: Este ensaio, busca tecer diálogos que analisará a formação do educador, didática e suas práticas pedagógicas quando discutem as questões sobre os saberes culturais afro-brasileiros. Ressalta-se nestes discursos, saberes estes que ficam a desejar as abordagens significativas acerca desta aprendizagem, bem como, a visão da didática quando requer do educador uma nova formação e postura humanizada. Com fins, para dar conta da (re)construção da vida sociointeracionista dos povos afrodiásporas que são vistos de formas: estereotipadas, pejorativas e negativas dentro e fora das salas de aulas. Haja vista que é arraigada na sociedade vigente estas formas correlatas de preconceitos. Para esperanças dos seus saberes, estes povos buscam nas salas de aulas diálogos credíveis como formas de extirpar da sociedade os preconceitos, xenofobias, racismos entre outros. Por tanto, que conduzem estes e os demais povos oprimidos do Brasil, como os indígenas, ciganos, camponeses e etc. Mas também, afirmar e valorizar suas vivências humanizadoras e suas participações coletivamente na construção desta sociedade. Por isso, a necessidade de abarcarem estas novas perspectivas para que haja de fato, uma pedagogia contra-hegemônica. Que venham acabar com este silenciamento nos currículos, como também nas salas de aulas e nas mentes e olhos dos educadores. Por isso, esta discussão é elencada como prioridade nos estudos do GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridades, este tema fornecerá informações base para o banco de dados que é composto de: livros, artigos, dissertações, teses e pesquisas bibliográficas e documentais.

Palavras-chave: Formação do educador. Didática. Saberes-afros

Introdução

A formação do educador no mundo contemporâneo, deve ser desenvolvida com maior atenção, por se tratar do profissional que irá conduzir a vida de futuros educandos. Nos encontros de educação, esta temática é observada com muita discussão através de artigos, tccs, dissertações de mestrados e teses doutorais, pois, ainda é percebe-se resquícios de práticas que não levam o educando a pensar formas de produzir saberes na sala de aula que visibilize igualdade com todos.

Sua aplicabilidade nos cursos de pedagogia, bem como, nos de licenciaturas pelas universidades e faculdades que em meios às suas práticas e teorias, sempre recheadas de gigantescas disciplinas, ainda são fragmentos e segmentos de uma didática muitas vezes hegemônica, preconceituosa e não promotora das interculturalidades de saberes que a educação interplanetária demanda para o século XXI.



A dialética, sobre a implementação que venha favorecer os estudos da cultura africana e afro-brasileiras, em sala de aula, elencadas nestes discursos, servirão de base para que tenhamos pontos centrais, eixos norteadores para que, esta discussão possa ter embasamento alicerçado e possa ser continuada com muita atenção em outros trabalhos.

Afim de, apontar reais e possíveis saídas para estas desestabilidades vividas no momento que é a formação do educador e a didática requer uma cosmovisão da educação e dos saberes afros. Portanto, nos centros de estudos, surgem diariamente novos cidadãos e cidadãs do mundo dentro das salas de aulas. Para tanto, estes saberes demandará uma pedagogia contra-hegemônica que venha produzir educadores com as mentes descolonizadas para darem conta dos novos desafios propiciados pela vida. Já que, ela, não é estática, engessada. É uma metamorfose.

No Brasil, ainda é mascarado a crença de que não há racismo, sendo perpetuado o conhecido “Mito da Democracia”, respirando o ar de uma igualdade velada, amigável e familiar. Entretanto, os alunos negros e negras ao chegarem nas escolas, necessitam das luzes dos conhecimentos dos professores (as). Assim sendo, serão o seu maior diferencial, ofertando-lhe pelo ato educativo a humanidade e a humanização. Por isto, estes fins são viáveis para uma valorização da cultura negra buscando (re)afirma e (re)significar positivamente sua identidade razão maior de sua origem humana.

Metodologia

Pesquisa de cunho qualitativa científica no bibliográfica. Asseveram livro de Candau (2013): *Rumo a uma didática fundamental*; seus artigos: Candau e Moreira(2013): *Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos*; *Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos*(2012); *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença* (2012); Gomes (2007): *Indagações sobre currículo: diversidade e currículo*; (2016) *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*; (2003) *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*; Kochhann e Moraes (2015): *Didática, Aprendizagem Significativa e Perfil do Professor: algumas aproximações*; (2015) *A didática e as práticas de ensino: uma reflexão teórica e metodológica*; Santos (2007) *Epistemologias do Sul*, Romão e Gadotti (2012): *Paulo*



Freire e Amílcar Cabral, a Descolonização das Mentes; (1997) Parâmetros Curriculares Nacionais, e outras que compõem este ensaio.

Educação: interfaces entre a didática, prática do educador e saberes negros

No Brasil, dialogar sobre a educação ainda é um tema que provoca grandes nebulosidades na cognição daqueles que estão sentados no poder do Brasil, pois sabem que uma sociedade sábia, entenderá dos seus direitos e assim cobrará posturas humanas dos políticos. O fato é que, eles, usurpam do viés educativo para fins de provocar na sociedade uma alienação social globalizada, gerando uma desigualdade sócio-econômica. Deixando todos nós, numa real e completa situação de abandono pátrio segundo o pensamento sócio-interacionista de Paulo Freire (1987), provoca no educador e educando uma injustiça cognitiva generalizada, a segregação das classes sociais, impedimento da autonomia fazendo a expansão do opressor entre tantas outras formas correlatas de segregação.

Para tanto, no caso da equidade racial e dos saberes da negritude está nebulosidade tende a abrir-se mais, por ser tratar de povos tribalistas e oriundos dos processos de escravização mundial. Neste caso, a educação, terá sua restauração depositada nas mãos dos educadores. Por isso, tendo a responsabilidade de transformar as vidas dos educandos com emancipação humana geradora de paz étnica-racial.

Os fragmentos e segmentos dos livros didáticos brasileiros, bem como o de história, apresentam a imagem de um país outrora construído, com significados, onde tudo foi feito com cuidado, necessidade e maior zelo. Os administradores da época colonial, invisibilizam suas responsabilidades pelos atos e leis que provocaram dissabores nos povos negros como também, em outra parte da população brasileira, como os indígenas, alegando que eram povos de culturas não humanas.

Está claro que, ao adentrar na educação contemporânea, os livros didáticos com seus conteúdos: engessam, encobrem, omitem, com discursos hegemônicos. Portanto, deixam vitrificadas as verdadeiras e reais historicidades destes povos sem aprofundar suas origens políticas, filosóficas, sociais, educacionais entre outros.

Mesmo apontando a ação humanizada da Princesa Izabel com a Lei Áurea, isto, não cria uma dimensão favorável, bela e positiva ao ato político que foi, pois, o social nunca existiu. Por



isso, criam uma perspectiva ativamente da colonialidade que, entre linhas “negros nasceram para servi” e, com a pós escravidão, suas vidas não tiveram saborosos e animadores rumos.

Tendo em vista, a mudança de pensamento, saindo de uma linearidade causal reducionista, que as partes não integram a totalidade com emancipação, transformando-se em “totalidade hegemônica” não oportunizar às diversas culturas construir juntas novas epistemologias. Para Candau (2013), a “didática fundamental” sairá na contramão junto com as transdisciplinaridades.

Por conseguinte, as dicotomias surgem com soberba e supremacia hierárquica: Homem/Mulher, Preto/Branco/, Norte/Sul, Escravo/Senhor, Oprimido/Opressor e etc. Poderemos observar nestes exemplos, o complexo modo de pensar e agir sobre as coisas, o que Santos (2002), (2010), alerta de pensamento hegemônico e monocultura do Norte. Ainda neste pensar “[...] a produção do conhecimento científico foi configurada por um único modelo epistemológico, como se o mundo fosse monocultural que descontextualizou o conhecimento [...]” Santos (2009, p. 183).

Tudo isso, quando dialogamos com as ideias iluminadas pelas correntes filosóficas humanas, existencialistas, a estrada da educação alertará para uma pensar pedagógico com a didática, que na unicidade desenvolverá à práxis freiriana. Todas estas e outras epistemologias libertaria, dialogando e compartilhando suas experiências de campo, indagando erros construtivos e apontando acertos significativos, são necessários neste momento.

Portanto, para que, as partes integradoras constituam novos povos no mundo, às mesmas terão que unir os polos dos discursos subalternizados. No universo existem regras de respeito e equilíbrio das partes que a compõe e quando o homem não respeita ocorre, catástrofes de cunho natural e humana, pondo a existência da universalidade num total aniquilamento. Todos os elementos que formam a universalidade são compostos por partes, a união com respeito favorecerá a sua eterna existência.

Contudo, podemos usar esse raciocínio para constituirmos o respeito por esses conhecimentos: O Norte/Sul, Negritude/Branquitude, Interculturalidade/Monoculturalidade, Teoria/Prática e etc. Assim sendo, todas estas partes tornam-se uma totalidade não subalterna para agirem sobre o mundo epistemológico com equidade. Para Freire, (1995, p. 75-76) “[...] como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos – que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona [...]”.



O maior enfrentamento dos educadores estão para além das ausências de salários dignos, estruturas prediais, capacitação profissionais, materiais pedagógicos entre outros. Serão no momento que estiverem nas vivências pedagógicas com seus reais e imagináveis desafios contemporâneos. As causas sociais, as diversidades: étnico-raciais, sexuais, inclusivas entre tantos, que são trazidos pelos educandos. Segundo Morim (1921) são constituídos pelo interacionismo: físico, psíquico, social, biológico, histórico, cultural.

Contudo, os alunos negros são discriminados, invisibilizados, silenciados, ausentes, oriundos de localidades não credíveis, de comportamento não civilizados, sem direito ao trabalho e boa remuneração, escola, saúde e moradia descente, vistos como escória da sociedade, por descender de ancestrais africanos, que, no Brasil, tornaram-se “máquinas humanas”.

Fica claro neste discurso que, os educandos da branquitude tem sua dignidade imaculada e resguardada da violência sociopolítica e econômica. Educam-se nas melhores instituições particulares de ensino, são considerados civilizados, são presentes e visibilizados como povos credíveis. Por isso, estão sempre no alto topo da estratificação social, sendo os mesmos referenciais de civilidades. A professora Vera Maria Candau, em seu instigante momento como educadora, procura traduzir toda essa insatisfação que a cosmovisão aponta na contemporaneidade que, torna tensa esta territorialidade em uma profunda área movediça:

Talvez seja possível afirmar que estamos imersos em uma *cultura da discriminação*, na qual a demarcação entre “nós” e “os outros” é uma prática social permanente que se manifesta pelo não reconhecimento dos que consideramos não somente diferentes, mas, em muitos casos, “inferiores”, por diferentes características identitárias e comportamentos. (Candau, 2003, p. 163).

Por conseguinte, notaremos uma grande negação, preconceito, discriminação com as práticas nas relações sócio-histórico-educativas causando uma distorção no que se entende por relações “eu e tu” “eu e as coisas”. Segundo Laraia (1999), com o passar dos tempos às condições que criam as culturas vão sofrendo adaptações pois, o homem ao se movimentar no espaço geográfico causa um cruzamento de culturas influenciadas pelas ciências, tecnologias, religiões, ecologias entre outros. Promovendo a Interculturalidade.

Pelo discurso como prática das relações humanas e culturais, essas relações entre os grupos étnicos: *ndebele, swati, xhosa e zulu*, que parte da ideia de comunhão entre os demais participantes, que deseja crescer e contribuir para o melhoramento da comunidade. Segundo



Nogueira (2012), entende-se por filosofia “ubuntu”¹ onde o homem só se torna humano quando humaniza os outros, neste caso, vale o reverso.

Porventura, são seres incluso em um país chamado “Brasil” que visibiliza para o mundo exterior que, o ser diferente aqui é sinal de ir e vir sem ser importunado, onde todos comungam dos mesmos direitos. Tornando-se um país exótico e multiétnico. “É que, para eles, pessoas humanas são apenas eles. Os outros são “coisas” “[...] afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam “generosos” [...]” (FREIRE, 1987, p. 25).

Neste contexto, nossa pesquisa colocar-se-á contrário a estas práticas desumanas, opressora e imoral que à luz das obras literárias como “Descolonização das Mentes”, “Epistemologias do Sul” e “Rumo a uma Nova Didática ” entre outras que, unidas, impedem às injustiças cognitivas. Pelo discurso como prática socioeducativa entende-se que “essa realidade provoca perplexidade e suscita uma ampla produção científica, cultural, assim como um intenso e acalorado debate” (CANDAU, 2008, p. 45).

Em meio desta turbulência, usar as interculturalidades como forma de visualizar os valores artísticos e humanos existente no mundo, será um argumento de fundamental importância que irá agregar valores significativos sobre a cultura afro aos educadores. Para os povos da negritude, sua posição social, identitária e territorial, será afirmada e suas diferenças: corpo, cabelo, pele, beleza entre outros adjetivos, são heranças fenotípicas resultantes dos genes, comuns aos povos de origem continental africana.

Para Gomes (2003, p. 175) “não podemos deixar de pontuar que a sociedade brasileira e a escola da atualidade têm construído representações sociais mais positivas sobre o negro e sua estética”.

Segundo Gadotti (2000), não podemos deixar de tocar no projeto de desescolarizar a escola, por ser um *locus* que forma e instrui seres humanos e que ficam impregnada nas suas partes internas a força das mentes colonizadas. Assim, desescolarizamos a escola. Desta forma, descolonizamos a sociedade.

Porém, ainda, analisando os planos pedagógicos nem sempre será possível reconstruir esta visão da didática, deverás as formalidades na preparação dos currículos das redes públicas que sempre chegam às mãos dos educadores completamente engessados impossibilitando dos mesmos realizarem as (inter)transdisciplinaridades, pois estão em uma redoma cristalizada.

¹ Renato Nogueira, Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista, Revista da ABPN. v. 3, n. 6. nov. 2011 – fev. 2012. p. 147-150.



Podemos num breve olhar, notar um poderio na hora de elaborá-lo, que segundo Kochhann e Moraes (2015, p. 4) “[...] Como os educadores fazem um currículo sem antes conhecer seus alunos? Para Santos (2009), (2010), e Gomes (2007), (2012) são ações do colonizador e da monocultura subalternizando os saberes multiculturais tornando não credível, portanto, marginalizando, negativando e engavetando reais possibilidades de uma didática fundamental.

Entretanto, dificultam no momento de inserir projetos que transversalizem os diversos temas que ficaram fora da matriz curricular tais como: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual. Neste caso, em particular os estudos da cultura afro-brasileira serão ofertados apenas pelos PCNS Temas Transversais-Pluralidade Cultural (1997), isso significa que ficará ainda mais restrito o acesso do educando ao discurso da liberdade, sonho desejado pela equidade.

Neste caso, ficando visível e confirmando um autoritarismo curricular, deixando mais uma vez aos critérios de um grupo simpatizante, educador(es), coordenação pedagógica, gestor(a) e/ou do P.P.P. realizar às transversalidades. Tudo isso, é uma forma de não emancipação e sim subalternização dos currículos deixando a cultural dos povos negros a uma perspectiva tradicional do calendário folclórico, transformando sua totalidade em apenas cultural segundo Gomes (2012).

Para Candau (2003), será um “daltonismo cultural” devendo aniquilar-se, para uma contemplação “arco-íris cultural”, portanto, a educação não estar contida somente na realidade do chão educacional, vai para além de uma visão reducionista. Neste contexto, como prática fundamental, podemos buscar a “disciplinaridade, a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são como quatro flechas lançadas de um único arco: o conhecimento” (NICOLESCO, 1997 p. 2).

Ainda, terá que dar conta da imensidão de propostas que são enviadas diariamente pelas mudanças que ocorre com a sociedade mundial. Neste caso, às escolas, educadores, didáticas necessitam adaptar, pesquisar, para poder integrar-se sobre estas realidades. Entretanto, só que, nos dias contemporâneos estes paradigmas deverão estar mais arraigados entre as instituições educativas. Neste viés afirma Candau (2003, p.161).



Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje proposta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença.

Para tanto, discutir temas invisibilizados nos atuais cenários ideológicos políticos e educativos desta nação, demandará uma nova postura da aplicação da didática. Portanto, oportunizará uma cosmovisão voltado para as mudanças de pensamentos dos educadores, mas também, as “instituições de ensino” irão desescolarizar-se. Para Freire (2008, p. 68). “O que não é possível é simplesmente fazer um discurso democrático, antidiscriminatório e ter uma prática colonial”.

Plantarão sementes que germinem e enraízem produzindo perspectivas iluminadas que venham favorecer a justiça cognitiva para os povos da negritude. Neste contexto Kochhann e Moraes (2015, p. 4) afirma que “[...] é necessário repensar a teoria, a prática, a metodologia, a avaliação e todos os elementos que envolvem o contexto do processo ensino-aprendizagem”.

Neste caso, Candau (2003) aponta para que estes assuntos sejam discutidos dentro de um entendimento da didática e a pedagogia incite questões profundas que valorizem a cultura afro-brasileiras dentro da multidimensão: “técnica, humana e política”. Segundo Kochhann e Moraes (2015, p.3), “a multidimensionalidade sugere vários estruturantes para o processo ensino e aprendizagem”. Ainda observamos que “[...] ela promoverá a compreensão, tolerância e amizade entre os grupos raciais ou religiosos da nação, e promoverá as atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz” (MANDELA, 2012, p. 158).

No momento de bruscas mudanças políticas, sociais, econômicas e educativas na sociedade brasileira, estas discussões requerem um olhar que comunguem com as novas perspectivas ilustradas pelos teóricos que registram fortes tensões no campo educativo que pela “multidimensionalidade” conseguiremos unir forças cognitivas para superar resquícios do colonialismo, preconceitos, formas excludentes que tange a educação multicultural.

Considerações finais

Finalmente, percebemos o quão é complexo as relações desenvolvidas nas escolas por se tratarem de relações pessoais da multidimensionalidade. Pois, irão demandar diálogos multiculturais com visão de mundo que favoreça boas relações humanas dentro e fora da



escola. Diante disso, nestes diálogos, todos nós participamos assiduamente de relações interacionistas, que, expõe na vida, comportamentos que venha promover uma democracia racial política, econômica e social que cristalize o mito da democracia.

Por isso, ter uma educação formadora, participativa na vida dos educadores e educandos recheadas de visões e construções das identidades e culturas dos povos brasileiros, com perspectivas diferenciadas que, prevaleçam construções de atuar dentro e fora das salas de aulas, unindo-se a um novo pensamento descolonizados, que (re)construa um país com liberdade e sem discriminação humana, transformando esta nova visão educacional como uma escola culturalmente criadora de seres que se identifique e se respeitem mutuamente criando relações de respeito e amor.

Referências

BASARAB, Nicolescu. *Em foco: A evolução transdisciplinar à universidade condição para o desenvolvimento sustentável*. Disponível em: <www.ciret-transdisciplinarity.org>. Acesso em: <05/10/2016>.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*, São Paulo: Centauro, 2001.

BRASIL, *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais / pluralidade*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANAU, Vera Maria e MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. *Em Foco: Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos*. Revista Brasileira de Educação, p, 161-163 AGO/2013.

CANAU, Vera M. (org.). *Rumo a uma nova didática*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos*. Revista Brasileira de Educação, JAN/MAR, 2012.

_____. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista Brasileira de Educação, p. 45 JAN/ABR, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 44. ed., Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, p. 25, 1987.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'água, p.75/76, 1995.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. *Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012.

GOMES, Nilma Lino (org.): *Indagações sobre currículo: diversidade e currículo*. Brasília: Ministério da Educação, Sec. da educação Básica, 2007.



_____. *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: <05/10/2016>.

_____. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, p. 175, JAN/JUN, 2003

KOCHHANN, A.; MORAES, Ândrea Carla (org). Em foco: *A didática e as práticas de ensino: uma reflexão teórica e metodológica*. II Informar-se – Intercâmbio Nacional de Formação e Reflexão sobre Estágio Docente – Universidade – UEG/Itapuranga, SET/OUT, 2015

KOCHHANN, Andréa; MORAES, Ândrea Carla (org). Em foco: *Didática, Aprendizagem Significativa e Perfil do Professor: algumas aproximações*. Anais da Semana de Integração do Câmpus da Universidade - UEG, Inhumas, p. 3-4 JUN/2015.

LARAIÁ, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Editora: Zahar. 1999.

MANDELA, Nelson. *As palavras de Nelson Mandela*. Santillana: Santillana, p. 158, 2012.

MOACIR, Gadotti. *I Colóquio das Ciências da Educação: Educar, Promover, Emancipar. Os contributos de Paulo Freire e Rui Grácio para uma pedagogia emancipatória*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, 23-24 Março de 2000.

MORIN, Edgar. *Os Setes saberes necessários à educação do futuro*, 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1921.

SANTOS, Boaventura Souza. *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saber*. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, Outubro 2007.

SANTOS, Boaventura Souza. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Coimbra: Revista Crítica de Ciências, Outubro, 2002

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria, P. (org). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Coimbra, 2009

_____. (org) *Epistemologias do Sul*. Revista lusófona de educação. Coimbra: Almedina, 2009.

Dos autores

Samuel Pedro Gonzaga - É acadêmico do sétimo período de pedagogia na FAI – Itapuranga goiás. samuelpedrogozaga@yahoo.com.br

Eleno Marques de Araújo - É doutor em Ciências da Religião pela PUCGOIÁS, pesquisador do CNPQ – NEPEM- Unifimes, professor adjunto e diretor de pesquisa na Unifimes. eleno@fimes.edu.br

Maksuel Souza da Silva - É Licenciado em Filosofia e Especialista em Docência Universitária. Professor de filosofia no Colégio Estadual Martins Borges e na Coopen em Rio Verde. Maksoel_775@hotmail.com

